



GT 79. Sexo e o Dom: Etnografias das trocas afetivo-sexuais/comerciais

Coordenador(es):

Thaddeus Gregory Blanchette (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Adriana Gracia Piscitelli (Unicamp)

Sessão 2

Debatedor/a: Ana Paula da Silva (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Existe uma ambiguidade fundamental que se encontra na base das relações heterossexuais normativas engendradas, que revela-se na suposta natureza antagônica das trocas comerciais afetivo- sexuais e as relações afetivo- sexuais baseadas na reciprocidade. Nas culturas ocidentais em geral, essas duas formas de relações afetivo- sexuais tendem a ser entendidas como completamente diferentes e/ou separadas umas das outras (a teoria das “esferas separadas”), ou são configuradas como duas manifestações do mesmo fenômeno básico (a teoria “nada é diferente”). Como Viviane Zelizer aponta, porém, na vida vivida, a interação entre elas é complexa e ambígua. Nesse tipo de relação humana, onde as lógicas econômicas coincidem, se misturam, e até se constituem com lógicas morais e afetivas (e vice-versa), mas onde a prostituição e o amor são hegemonicamente entendidos como esferas separadas contraditórias, o “Ensaio Sobre o Dom”, de Marcel Mauss revela-se como valiosa contribuição para entender as (in)diferenças entre as várias formas de labuta/troca sexual e emocional. Nosso GT vai contemplar etnografias que exploram as complexidades e ambiguidades das trocas sexuais/afetivas, buscando desconstruir os dois modelos acima descritos. Preferencialmente daremos destaque para os trabalhos que situam essas trocas como fatos sociais totais dentro de cenários mais amplas de ação e valores, ilustrando a dialética entre a agência humana e as estruturas socioculturais em que essa é embutida.

Notas sobre o mito da ?mãe preta? na literatura antropológica, e romantização da maternagem compulsória de bebês brancos por mulheres negras

Autoria: Andreza Carvalho Ferreira (UNB - Universidade de Brasília)

A capa da revista Veja do dia 22 de novembro de 2017 trouxe a imagem de uma mulher negra com uma criança branca em suas costas. A composição da cena faz alusão ao período escravocrata. Além disto, na própria capa há uma legenda para a foto que descreve e informa: ?escrava na Bahia, 1860?. A foto parece ter sido captada de forma brusca, talvez sem permissão, e a protagonista da foto não tem nome. Logo abaixo da foto, em preto e branco, há a manchete da edição especial, onde se lê a frase ?Como é ser negro no Brasil?. Esta capa parece fazer nítida alusão ao ?mito da mãe preta?. Mito também evocado e reificado por cientistas sociais e antropólogos que observaram e descreveram questões multirraciais da conformação do Brasil a partir de cosmologias dos brancos, apesar de não reconhecerem isto em suas análises. A partir de dois textos que inicialmente se propõe antagônicos sobre o mito da mãe preta, mas que não se afastam das ideias de sensualidade e disponibilidade de um estereotipado corpo da mulher negra, pondero sobre expectativas de trocas em relações interétnicas. Analiso os textos ?Mãe preta, tristeza branca: processo de socialização e distância social no Brasil? de Luiz Tarlei de Aragão (1990) e ?O Édipo Brasileiro: A dupla negação de gênero e raça? de Rita Laura Segato (2006). Em ambas narrativas parece existir uma projeção cordial da intimidade em contextos que talvez nunca sejam realmente acessíveis ao pesquisador ou pesquisadora, mas que creio ser de interessante diálogo com o tema do GT. Aspiro, a partir das contribuições de Viviana Zelizer e Patricia Hill Collins apontar outras possibilidades de negociações da intimidade, que não sejam definidas apenas por



imagens controladas. Por fim, também almejo observar como outras ambiguidades, além das presentes em relações heterossexuais, como em relações inter-raciais, constituem o ?work doméstico/atividades de cuidado? de mulheres negras - na falta de termos melhores para maternagem negra compulsória de crianças brancas - que foram e são fatos sociais totais, apesar de nem sempre serem reconhecidos como tais.

[Trabalho completo](#)



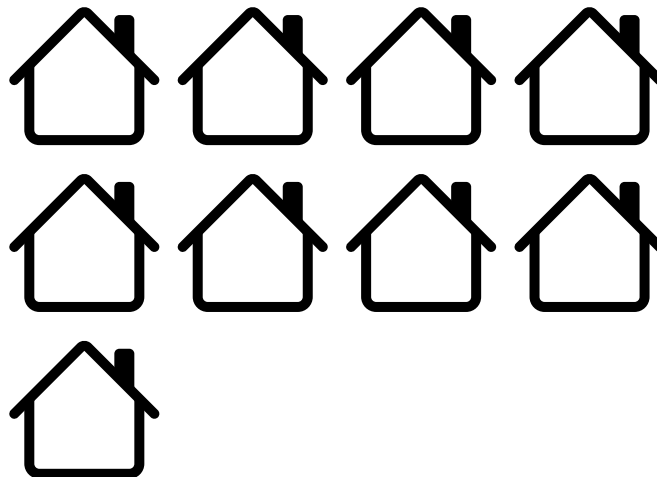
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: